

## Trabalhadores por conta própria e sem carteira aliviam taxa de desemprego

Trabalho Nova configuração

# Trabalhadores por conta própria e informais puxam taxa de ocupação

— Movimento traz alívio para índice de desemprego – que fechou 2023 no menor patamar desde 2014 –, mas pode representar aumento do déficit da Previdência

MÁRCIA DE CHIARA

Brasileiros empregados sem carteira assinada e trabalhadores formais por conta própria foram os que mais impulsionaram a ocupação do mercado de trabalho no País nos últimos quatro anos. Isso provocou um alívio na taxa média de desemprego, que encerrou o ano passado em 7,8% – o menor patamar desde 2014 (7%).

Por outro lado, esse movimento fez acender um sinal de alerta para o risco de aumento do déficit da Previdência a médio prazo. Especialistas falam

em “bomba-relógio”, considerando a diferença de valores entre as novas contribuições e o piso de um salário mínimo fixado por lei (mais informações na pág. B2).

Entre 2019 (antes da pandemia) e o fim do ano passado, o número de trabalhadores por conta própria formalizados (muitos deles, microempreendedores individuais, ou MEIs) cresceu 27,4%, enquanto o de empregados informais do setor privado (excluindo os domésticos) aumentou 10,4%, revela um estudo feito pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turis-

Em atividade

**100,9 mi** foi o total de ocupados no fim de 2023, número recorde

mo (CNC) a pedido do **Estado**. O trabalho considerou dados do IBGE.

Já o grupo de trabalhadores do setor privado com carteira assinada, exceto os domésticos, que é a maior fatia da ocupação e ainda responde por quase 40% do total, avançou 8,6% no período. O ano de

2023 terminou com 100,985 milhões de brasileiros ocupados, o maior nível da série histórica iniciada em 2012 pelo IBGE.

“Houve um crescimento da ocupação muito semelhante ao do PIB”, afirma Fábio Bentes, economista-sênior da CNC e responsável pelo estudo. Ele argumenta que o indicador do mercado de trabalho que reflete o ritmo de crescimento da economia não é a taxa de desemprego, mas o nível de ocupação.

O aumento do contingente que optou por trabalhar informalmente ou por conta própria, com CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica), é um dos

fatores que explicam o fato de a taxa de desocupação estar em patamar tão baixo, apesar de o PIB ter crescido pouco nos últimos quatro anos, diz Bentes.

“Hoje, temos uma procura menor por emprego do que antes da pandemia em razão do aumento do empreendedorismo formal, sobretudo por necessidade”, afirma. Certamente, diz ele, nos últimos quatro anos o Brasil não se transformou em uma terra de oportunidades.

No fim do ano passado, havia no País 11,5 milhões de MEIs, segundo dados do Ministério da Fazenda. É um salto de 168% em relação a 2019, quando existiam 4,3 milhões de MEIs, aponta o estudo da CNC. Mas a entidade ressalva que nem todos os MEIs podem estar ativos. Dois segmentos relacionados a transportes puxaram o número: outras atividades auxiliares dos transportes terrestres (699%) e serviços de malote não realizados pelo Correio (692%), caso das entregas do comércio eletrônico. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios Caderno: B Pagina: 1